

Luis Miguel Gomez Cornejo Urriola\*, Pedro Bordinhão \*\*  
e Tauan Monteiro Cordeiro \*\*\*

*¿Hacia la Tercera Guerra Mundial?* é uma obra que aponta desde o início os dramas e projeções que acompanham o desenrolar do presente século na esfera internacional. Com bastante amplitude e sutileza, os autores articulam os fatos históricos de modo a traçar diretivas possíveis para o futuro da humanidade em suas múltiplas interações interestatais.

Carlos Eduardo Martins assinala que nas contradições do “imperialismo informal” estadunidense residem os germes do caos sistêmico que estamos presenciando em escala planetária. A eclosão de uma economia pautada na financeirização obstruiu paulatinamente as capacidades que o imperialismo norte-americano conseguiu erigir entre o fim da Segunda Guerra Mundial e meados da década de 1970. O parasitismo, a geração de capital fictício e a deslocalização produtiva assumiram prioridade em relação ao desenvolvimento tecnológico e à capacitação da força de trabalho, impulsionando uma ilusão de universalismo que promoveu guerras híbridas e revoluções coloridas em detrimento da estabilização da balança de poder. A corrosão dos pressupostos materiais que sustentavam o “imperialismo informal” anglo-saxão abriu espaço para a projeção da China, o que promoveu a articulação de um eixo geopolítico anfíbio. Tal eixo tem sua unidade no anti-imperialismo e possui uma escala potencial territorial, demográfica e marítima que ultrapassa em muito o *Rimland* imaginado por Spykman. O autor vê esse processo como inspiração para o desenvolvimento de uma teoria geopolítica marxista do sistema mundial contemporâneo. Se a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para o Leste e o cerco à Rússia provocaram a guerra na Ucrânia e destruíram o espaço geoeconômico eurasiático em construção, também fortaleceram o BRICS e o projeto de um Sul Global. O colapso da hegemonia dos Estados Unidos se revela em seu declínio ideológico e na crise da democracia liberal ameaçada por sua baixa legitimidade e pela ascensão do neofascismo. A conversão do imperialismo informal estadunidense em imperialismo *tout-court* é incapaz de estabilizar uma ordem internacional e aprofun-

\* Doutorando no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ).

\*\* Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

\*\*\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEPI/UFRJ).

da conflitos mundiais, que assumem formas cada vez agressivas e parecem ser parte da emergência de uma terceira guerra mundial já em curso. Impedir o seu desenvolvimento, ultrapassá-la e desarticulá-la se torna uma tarefa crucial da humanidade no século XXI. Entretanto, isso não será alcançado sem profundas transformações sociais e políticas que podem ser propiciadas por períodos de caos sistêmico.

Francisco Lopez Segrera aponta que crise da geopolítica imperial se apresenta em múltiplas frentes, por meio do cada vez mais próximo colapso ecológico, da disrupção tecnológica acelerada, da debilitação das democracias ocidentais, do fortalecimento da Otan, das *big techs*, das possibilidades de guerras híbridas, ou mesmo do risco de uma guerra nuclear. Ele destaca que a guerra Rússia-Ucrânia que – na falta de uma diplomacia habilidosa, consequente e responsável, pautada pelo mínimo de interesse global e compromisso com a sobrevivência da humanidade e a preservação do planeta – pode resultar em guerra total e catástrofe nuclear. O autor usa o termo “trampa de Tucídides”, em referência a Graham Allison, para estabelecer paralelos com os dias de hoje. Para historiador grego, foi a ascensão de Atenas que infundiu em Esparta a necessidade de iniciar a Guerra do Peloponeso. O avanço tecnológico chinês aliado aos acordos bilaterais realizados com países da Ásia Central (vide o Afeganistão), ou mesmo o avanço russo em direção a obras de infraestrutura no espaço euroasiático, representam essa ameaça velada que tanto assombra o império estadunidense.

Atilio Boron indica que a passagem de *hegemon* do Ocidente para o bloco não ocidental não significa mais, como em casos precedentes no sistema-mundo capitalista, a substituição de um poderio unipolar por outro, mas a emergência concerto policêntrico e multipolar entre as nações, evitando, assim, a ocasião de uma guerra total de proporções apocalípticas e sem vencedores. Ana Esther Ceceña aponta como a guerra russo-ucraniana vem sendo gestada desde o desmonte da antiga União Soviética e em que proporção a Ucrânia reúne aspectos que a tornam não só um cavalo de Tróia da Otan, mas uma peça fundamental da estratégia de controle e rechaço dos países centrais em relação à emergente Rússia e China. A dianteira na produção e na exportação de cereais para Europa e África, além da geografia favorável ao controle do Mar Negro, dotam a Ucrânia de relevante aspecto estratégico. No entanto, as invectivas contra a Rússia também enfrentam a mobilidade oferecida pelo Mar Cáspio, que conecta o país ao Oriente Médio. Nada disso, porém, passa ao largo das enormes infraestruturas portuárias que a República Popular da China construiu nas últimas décadas e que impõem um empecilho às pressões norte-americanas. As infraestruturas em rede consolidam, como nunca antes, um bloco que se estende do Sul da Ásia à Rússia Ocidental, impondo constrangimentos às pretensões de controle sobre o bloco euroasiático que vêm reorientando a dinâmica global de potências.

Gabriel Merino converge com Carlos Eduardo Martins no diagnóstico de que o atual sistema mundial entrou em estágio de “caos sistêmico”. Ele afirma que as mudanças no sistema se tornam tão rápidas que é impossível manter a antiga estabilidade relativa, posição também sustentada por Maria Elena Álvarez Acosta e Yoslán Silverio González. O sistema mundial capitalista se encontra em uma fase de transição. O processo de mudança ocorre a todo momento na história mas a natureza, intensidade e velocidade dessas alterações, se concentradas e articuladas em demasia, geralmente significam que há pontos de inflexão fundamentais para todo sistema interestatal capitalista, principalmente em suas relações hierarquizadas de poder e riqueza.

O livro *¿Hacia la Tercera Guerra Mundial?* tenta capturar os principais elementos dessa transição que opõe a ordem ocidental e atlantista unipolar em decomposição, um projeto que se pretende multipolar e nasce não necessariamente apenas do enfrentamento direto, mas também das contradições internas do imperialismo ocidental. O conflito entre Estados Unidos e China, passando pela Rússia, se apresenta como a confrontação geopolítica central atual. Claudio Katz destaca que esse não é um conflito que opõe potências semelhantes. A potência anglo-saxã tem utilizado de todos os tipos de ferramentas imperiais, como sanções, criação de bases militares no Mar da China, apoio à expansão da OTAN no indo-pacífico, guerra comercial aberta contra o gigante asiático e o uso do controle do sistema de pagamentos da Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais (SWIFT, na sigla em inglês); tudo para impedir a ascensão do país oriental e de seu aliado russo. Diante da ordem mundial unipolar, o abuso do poder imperial gera a necessidade de posições revisionistas, principalmente após a rivalidade aberta entre Estados Unidos e China a partir de 2008. A China tem expandido seu poder econômico, político e militar através de acordos bilaterais em todas as regiões do mundo, criando, em conjunto, formas de aumentar seu poder de influência com a criação do Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura e do Novo Banco de Desenvolvimento dos BRICS, além da tentativa de criar, em conjunto com a Rússia, seus próprios sistemas de pagamentos, o Sistema de Transferência de Mensagens Financeiras do Banco da Rússia (SPFS, na sigla em russo) e o Sistema de Pagamento Interbancário Transfronteiriço (CIPS, na sigla em inglês). O BRICS passa a incorporar países como Irã, Emirados Árabes e Indonésia e agora possui, em conjunto, um PIB maior do que o dos países do G7, com grande acesso a recursos naturais como petróleo e gás, constituindo-se ainda em liderança na transição para energias limpas e renováveis. A China age no sistema internacional de forma diferente do imperialismo anglo-saxão: realiza investimentos para garantir o acesso a recursos naturais e adota uma política de não enfrentamento direto, tentando contornar o cerco americano no Mar da China por meio de iniciati-

vas ousadas, como a *Belt and Road Initiative*.

Outro eixo central dos conflitos globais diante da transição sistêmica tem sido a guerra no leste europeu. Ravi Palat assinala que a estratégia americana de sufocar a economia russa tem gerado resultados opostos aos esperados. A primeira fase do conflito se inaugura com a reversão do resultado da “revolução laranja” pró-ocidental entre 2004 e 2010. A segunda fase, por sua vez, inicia-se com a vitória das forças pró-russas na Criméia contra a instalação de um governo alinhado aos interesses ocidentais. Atualmente, a terceira fase do conflito se abre com a tentativa de expandir a OTAN em direção às fronteiras russas, algo que George Kennan, em 1997, chamou de “erro fatal. A Rússia tem servido de mediadora para consolidação do bloco euroasiático, constituindo um dos pilares da articulação geopolítica do Sul Global, junto com a China. A Índia tornou-se uma grande compradora de hidrocarbonetos russos, e a China declarou “amizade ilimitada” ao país do leste, aumentando as importações de petróleo, gás e carvão russos em 75% no ano de 2022. A guerra acelerou o projeto de construção do Corredor de Transporte Internacional Norte-Sul, que une Bombaim a São Petersburgo, passando pelo Irã. Além disso, Rússia e Arábia Saudita também têm realizado acordos para regular a produção de petróleo e evitar uma queda nos preços. A economia russa tem crescido apesar das centenas de sanções e do congelamento de seus ativos em bancos estrangeiros, ensejando uma reação revisionista apoiada e encorpada por Estados que, diante do despotismo imperial anglo-saxão, buscam sua própria sobrevivência e encontram no BRICS um eixo geopolítico de organização.

Elias Jabbour se propõe a explicar que, após as reformas econômicas de 1978, surgem novos tipos de formações sociais e econômicas com orientação socialista na China e uma nova economia do projetamento. Essa nova economia seria a forma histórica como se apresenta o socialismo atual, é dizer, como sendo um estágio superior de planejamento, com todo o seu arcabouço econômico e institucional. Para isso, discute-se o papel do Sistema Nacional de Inovação (SNIT), aprofundado na segunda metade dos anos 2000 com novas reformas e inovações tecnológicas disruptivas e com a emergência de formas superiores de planejamento econômico. O país passa por uma onda de inovações institucionais destinadas a alterar os padrões de propriedade do país, reduzir as desigualdades e transformar a economia chinesa numa grande máquina de construção de bens públicos no país e no exterior. Essa onda inovações está ancorada no planejamento baseado em projetos e assentado na grande propriedade estatal/pública da produção e das finanças e num enorme SNIT

Jesús Arboleya aponta que Cuba está de novo no epicentro do conflito entre as forças opostas. A Revolução Cubana deslocou o país na balança internacional e representou um avanço para o bloco socialista, colocando-o vis-à-vis com os Estados

Unidos, mas também com o chamado Terceiro Mundo por meio do impacto cubano nesses países. Estamos a assistir ao renascer da Guerra Fria numa versão desideologizada, dizem alguns. Cuba deve aproveitar a conjuntura mundial para escapar ao bloqueio norte-americano. O crescimento mundial da China, que se converte na grande beneficiária da globalização; a guerra na Ucrânia, que desencadeou a venda de armamentos estadunidenses pagos pelo contribuinte americano; e a aproximação entre Cuba e Rússia por meio de visitas diplomáticas colocam a ilha de novo no jogo estratégico, com potencial para ser uma ponte na política internacional entre o bloco euro-asiático, constituído pela Rússia e a maioria das antigas repúblicas soviéticas, e a América Latina.

Oscar Oramas Oliva analisa a conjuntura africana, em particular a do Níger, que sofreu um golpe de Estado. Interessa-se também por perceber o que isso gerou a nível económico, político e militar nos outros países da região. Por um lado, o golpe tensionou as relações com os europeus, levando esses Estados a retirarem os seus cidadãos do país; por outro lado, os países da África Ocidental estão a elevar o tom em relação ao Níger, mas sem renunciar ao diálogo. O autor constata que não há unanimidade no seio da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) para uma operação militar no Níger. Os europeus estão preocupados com a perda das bases de sustentação das antigas potências coloniais. A França está interessada na importação de urânio para a produção de energia e programas de armas nucleares e, ao mesmo tempo, assustada com o aumento da emigração africana. Para Paris, o ouro que sai do Níger serve como meio para enfrentar a incerteza financeira e como contrapartida da influência da Rússia e da China na África. O Níger pretende ser uma plataforma para a petroquímica na África Ocidental e para os projetos de oleodutos trans-saarianos.

Para Ricardo Dello Buono e José Bell Lara, o imperialismo está em crise sistémica e, no entanto, está numa corrida armamentista renovada. Os autores argumentam que o ciclo histórico do imperialismo estadunidense está se esgotando. Surge uma nova direita, de cariz fascista, que já tem posições de poder em certos países europeus. Para impedir a Rússia de se reconstituir geopoliticamente, Washington usa a Ucrânia estrategicamente para desgastá-la e subjugá-la a União Europeia através da OTAN e das exigências de guerra. Os Estados Unidos provocam a China vendendo armas para Taiwan e outros aliados no Pacífico, com o objetivo de travar a expansão da China, empurrando-a para uma corrida armamentista. Perante essa crise sistémica do imperialismo é necessário construir uma alternativa emancipatória mundial.

Como *post-scriptum* do livro, Manolo Monereo pretende analisar três questões. A primeira diz respeito às mudanças geopolíticas globais e ao seu impacto no Oriente

Médio em ligação com o fim da Pax Americana; a segunda questão se relaciona à evolução da sociedade e da política em Israel e a terceira questão é o bloqueio de qualquer saída para o conflito que não implique o fim do povo palestino como sujeito político

O livro apresenta ainda importantes contribuições de Emir Sader, Claudio Katz e Carlos Azugaray, constituindo uma leitura imprescindível para compreender a natureza, as dimensões, os impasses e as possíveis alternativas aos principais conflitos geopolíticos do mundo contemporâneo.